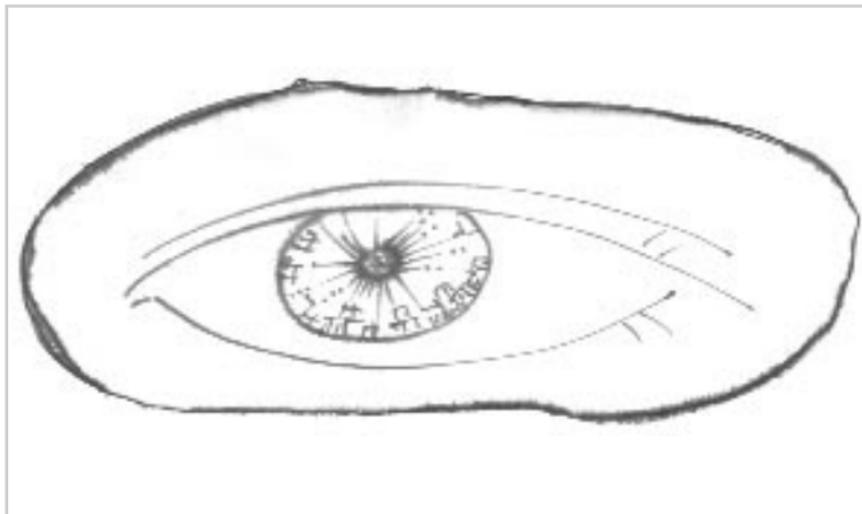


Quem é o Grande Irmão?

– sobre a idéia e características culturais do programa televisivo *Big Brother*



Carla Milani Damião

Mestre em Filosofia – PUC-SP; Professora de Filosofia e Lógica
no Mackenzie e na UNINOVE.



Sabe-se que a cultura brasileira é, por vezes, uma grande S' DEGLUTIDORA' de outras culturas. Com a incorporação destas, no entanto, acreditamos inventar algo com características próprias, o que nos fora sugerido pelo movimento de Arte Moderna da década de 20, ou o que fez a bossa nova com o jazz, ou ainda o que transparece na decantada frase do animador de TV Abelardo Barbosa, o Chacrinha, parodiando a máxima de Lavoisier "aqui nada se cria, tudo se copia". A paródia, engraçada ou não, o pastiche nas artes, ou a simples cópia são recursos expressivos extremamente utilizados, por exemplo, no cinema brasileiro – as chanchadas da Atlântida, os filmes do Mazaropi, o cinema da Vera Cruz, entre outros. A cópia, com pretensão de se apresentar como o original, torna o resultado, muitas vezes, bastante engraçado, em função do artificialismo empregado. No entanto, para se achar graça na cópia, supõe-se conhecer o original. Nesse sentido, convidamos o leitor a observar mais um fenômeno do gênero: o programa de TV batizado por seus criadores holandeses como *Big Brother*.

Alguns artigos empenhados em refletir sobre essa nova sensação televisiva empregam, com bastante intimidade, termos como o 'universo orwelliano' ou o 'personagem orwelliano'. Nossa intenção é refazer o percurso dessa recente incorporação na nossa cultura, iniciando pelo próprio nome de batismo do programa, o que nos conduzirá, sem dúvida, ao 'universo orwelliano'.

Começaremos por traduzir o nome: *Big Brother* literalmente quer dizer Irmão Grande ou, segundo a tradução do nome na obra de George Orwell, que citaremos a seguir, *o Grande Irmão*. Em inglês, o termo é uma referência ao irmão mais velho e sugere, ao mesmo tempo, que este seja superior aos demais para proteger os 'irmãozinhos' menores. Na

tradução para o português, o sentido se perde, pois geralmente é utilizado pelo irmão mais novo para referir-se ao mais velho; além disso, o termo *Grande Irmão* evoca títulos utilizados por círculos religiosos, ou certas entidades secretas.

Procurar o significado literal da palavra não é perda de tempo, pois é justamente nesse sentido que Orwell, autor que primeiro batizou seu personagem como *Big Brother*, provavelmente tenha pensado. Mas o que é afinal o *Grande Irmão*, criado por Orwell em sua famosa distopia 1984? Na verdade, é necessário desdobrar a questão em quatro perguntas: o que é *distopia*? que distopia é essa intitulada 1984? quem é George Orwell? e, por fim, quem é o *Grande Irmão* por ele inventado?

Distopia é o contrário de *Utopia*, termo que literalmente quer dizer ‘lugar nenhum’, ou seja, o que é utópico é ‘aquilo que não está em lugar nenhum’. Utopia foi um neologismo inventado pelo filósofo inglês Thomas More (no latim, *Tomás Morus*), no século XVI, ao escrever uma obra de mesmo nome e descrever uma ilha imaginária, cujo nome é também Utopia, habitada pelos utopianos. A descrição da organização social comunitária da ilha, feita por meio da narrativa de um navegador errante – Rafael Hitlodeu –, assim como a descrição do trabalho regado apenas pela necessidade e a primazia do cultivo do intelecto e das artes, tem como contraponto a sociedade européia que transitava, naquele momento, do modelo feudal para o capitalismo mercantilista, ou seja, projetando uma sociedade perfeita e harmoniosa, More aproveita para construir uma forte crítica à sociedade em que vivia. Crítica contextualizada à parte, a projeção de uma sociedade ideal batizada com o nome de ‘não-lugar’, tornou-se fonte de inspiração de várias doutrinas políticas. Utopia

significa, portanto, esse lugar inexistente e imaginado, cuja narrativa inaugura um novo gênero que, ao longo da história, inspirará pessoas, mais ou menos sonhadoras, a imaginarem um mundo melhor e a escreverem sobre ele (e/ou agirem sobre ele). Para ilustrar, citamos algumas obras do gênero: *A Cidade do Sol*, de Tomás Campanella; a *Nova Atlântida*, de Francis Bacon, e *Uma Utopia Moderna*, de H. G. Wells.

Vejam agora o seu oposto: a distopia. Distopia, utopia negativa, ou ainda contra-utopia são termos cunhados basicamente a partir de três grandes obras: a primeira do escritor russo Zamiatine, *Nós*, escrita em 1920, proibida em seu país de origem e publicada quatro anos mais tarde em versão inglesa; a segunda obra é do autor inglês Aldous Huxley, *Admirável Mundo Novo*, publicada em 1932, e a terceira, do também inglês George Orwell, *1984*, escrita em 1948 (daí o título, com a inversão dos dois últimos algarismos) e publicada em 1949. Essas três obras têm a característica, como a *Utopia* de More, de construir uma sociedade imaginária. A diferença seria que, nessa sociedade, o homem perderia a sua completa identidade pessoal e sofreria um controle tirânico exercido pelo poder político do Estado. Outro filósofo inglês, Thomas Hobbes (século XVII), utilizou um nome para esse controle e poder absoluto do Estado, no qual o indivíduo é apenas parte constituinte, simbolizado como integrante do corpo de um monarca gigante: o *Leviatã*. Essa figura, estampada na primeira edição da obra de mesmo nome, *O Leviatã*, dá visibilidade a um poder político absoluto e total.

Na época imaginada por George Orwell (pseudônimo de Eric Arthur Blair), a marca desse poder constrangedor não era tão evidente; menos evidente ainda, seu discurso. O poder absoluto era o poder do Partido, cuja corporificação resulta na imagem do *Big Brother*. Mas o *Big Brother*, na linguagem



corriqueira, não é aquele que zela pelos seus irmãos menores? Há uma imagem do *Grande Irmão*, descrita no início de 1984, como o “rosto de um homem de, aproximadamente, 45 anos, com espesso bigode preto e traços rústicos, mas atraentes”. Mais adiante, a descrição é complementada: “um rosto pesado, calmo, protetor, com um sorriso escondido por trás dos bigodes”. Essa imagem está em todos os cantos da sociedade na qual vive o herói Winston, publicada em cartazes imensos (espécies de *outdoors*), com olhos que, por todos os cantos, perseguem aquele que o olha. Abaixo da imagem, a inscrição: *Big Brother is watching you*; na tradução brasileira, o Grande Irmão zela por ti.

A inversão dos valores – de proteção e zelo para controle absoluto; da assistência a alguém desprotegido para um comando tirânico – materializa-se nos lemas do Partido: ‘Guerra é paz’; ‘Liberdade é escravidão’; ‘Ignorância é força’, e nas Instituições públicas, tais como o ‘Ministério da Verdade’, dedicado à preservação da ortodoxia e do dogmatismo partidário, o ‘Ministério do Amor’, encarregado da repressão violenta, e o ‘Ministério da Paz’, que cuida da guerra.

A imagem do retrato que corporifica esse poder, revelado como um discurso às avessas, existe de fato? É o que pergunta o herói Winston a outro personagem de 1984, chamado O’Brien:

– Existe o Grande Irmão?

– Naturalmente existe. O Partido existe. O Grande Irmão é a corporificação do Partido.

– Mas existe da mesma maneira que eu existo?

– Tu não existes.

– (...) Creio que existo. Tenho consciência de minha própria identidade. Nasci e morrerei. Tenho braços e pernas.

Ocupo um determinado ponto no espaço. Ao mesmo tempo, nenhum outro sólido pode ocupar o mesmo ponto. Nesse sentido, existe o Grande Irmão?

- Não tem importância. Existe.
- O Grande Irmão morrerá?
- Lógico que não. Como poderia morrer?"

O diálogo revela, de um lado, a ingenuidade do herói, que, para o autor, representaria o último ato de rebelião na Europa, e de outro, a onipotência e onipresença do Partido. A onipresença é representada pela figura fraternal do cartaz, cujo olhar, como certas imagens de Cristo, ou o dedo indicador do Tio Sam, alcança a todos em todos os lugares. Ele não se restringe apenas à materialidade do cartaz e da imagem ali estampada, mas também se transfigura num olhar eletrônico, por meio da chamada teletela.

A teletela descrita na obra era uma "placa metálica retangular semelhante a um espelho fosco, embutido na parede dos apartamentos" (o aparelho de televisão já era conhecido na Inglaterra antes da 2ª Guerra Mundial). Não era possível desligar esse aparelho: era embutido, estrategicamente, nas moradias, para dominar todo o ambiente. Sua função era emitir e captar informações por meio do som e da imagem. Qualquer movimento no interior da casa era captado e transmitido pelo aparelho, que não podia ser desligado. A quem interessava essa transmissão da vida privada? À chamada "Polícia do Pensamento". Não se sabia qual era a regularidade desse controle da vida de cada um pela polícia, mas "tinha-se que viver – e viver-se por hábito transformado em instinto – na suposição de que cada som era ouvido e cada movimento examinado, salvo quando feito no escuro".

Nesse ponto nos aproximamos mais da idéia do programa e do porquê da escolha do nome. Mas, para não pularmos uma de nossas questões iniciais, lembremos quem foi o autor dessa visão tão pessimista de mundo. Brevemente, Orwell (para maior aprofundamento, vide biografia indicada no fim deste artigo) foi jornalista e escritor, duramente criticado pela esquerda, que enxergava, em seus escritos, uma crítica ao modelo stalinista de socialismo e acusado de ser propagandista da Guerra Fria – em prol do capitalismo, é claro. Essa versão procede da crítica que Orwell faz ao modelo stalinista. Seu outro livro de sucesso, *A Revolução dos Bichos*, é uma sátira da revolução soviética, e a imagem do *Big Brother* estampada nos cartazes lembraria Stalin. Em sua defesa, deve-se lembrar que ele próprio era um socialista, porém detestava desonestidade e propaganda. Criticava fortemente o modelo de socialismo implantado por Stalin, e chegou a demonstrar esse descontentamento ao participar ativamente da Guerra Civil na Catalunha, Espanha, em 1936, ao lado de trotskistas, anarquistas e anti-stalinistas em geral. Para ele, arte, ética e política deveriam estar interligadas. Por pensar assim, ao escrever sobre a pobreza, transforma-se – ele próprio – em mendigo, percorrendo países como a Inglaterra e a França.

1984, o livro, foi escrito no imediato pós-2ª Grande Guerra e deve-se agregá-lo às críticas ao modelo stalinista e aos totalitarismos de direita para compor o universo pessimista orwelliano. No que se refere à inversão dos valores expressos nos nomes e funções dos Ministérios e na própria figura protetora-opressora do Grande Irmão, vale lembrar que a sigla *Nazi*, que deu origem à palavra nazismo, é uma abreviação do nome alemão do Partido – *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei* (Partido Operário Alemão Nacional-Socialista)

–, que incorpora as palavras socialismo e operário com a intenção de atrair a massa de trabalhadores seduzida pelas idéias socialistas. Os nazistas fundam também um Ministério Especial para a Propaganda Política, tornando o cinema e o rádio veículos de ideologização da doutrina racista. A crítica ao totalitarismo de direita e de esquerda e ao papel da propaganda e dos meios de difusão e controle estatal é o elemento que forma o pano de fundo negativo da visão de mundo de Orwell.

Finalmente, como relacionar esse terrível universo orwelliano ao programa televisivo em questão?

Começemos pelos autores do programa, os holandeses, povo extremamente treinado, até por motivo de sobrevivência durante as guerras, a dominar outros idiomas, entre eles, o inglês. A expressão *Big Brother is watching you* tornou-se, após o grande sucesso do livro, uma espécie de piada que surgia diante de algum tipo de controle do cidadão, especialmente o controle via tecnologia. Pensemos em alguns exemplos do nosso dia-a-dia: o serviço de proteção com câmeras instaladas em prédios, bancos, estabelecimentos comerciais; os radares que controlam a velocidade dos carros nas estradas, ou mesmo um mero recurso de regulação e controle da velocidade dos carros de empresas. Quando alguém que estivesse sujeito a um controle dessa ordem quisesse reagir com ironia, a frase *“Big Brother is watching you”* logo surgia, invertendo-se a situação de controlado para a de quem detém um conhecimento não ingênuo do controle. Junte-se a essa piada, difundida pela intimidade dos holandeses com a língua inglesa, o hábito peculiar de exposição de aposentos e de si próprios neles, sem se esconderem atrás de cortinas. É como se suas casas fossem verdadeiras vitrines e, mesmo sem se prestarem à exposição,

esperassem a observância ou despertassem a curiosidade alheia. Supõe-se que esse hábito tenha inspirado os criadores do programa, restando-nos saber, no entanto, se nele é possível identificar algum traço de distopia.

Muito já se falou sobre o fim ou falência das utopias no contexto europeu, após a 2ª Grande Guerra ou a queda do Muro de Berlim. No Brasil ainda há uma tentativa de afirmação do sonho de um mundo melhor, com mais igualdade, que gere um pouco de esperança. Diante da gritante desigualdade social que se espelha numa violência cotidiana, a pergunta “um mundo melhor é possível?” não soa retórica. A realidade-show, no entanto, adapta o que vem lá de fora, muito distante de qualquer cena política, apenas como diversão. Só diversão? O que permanece como sombra do velho *Big Brother* (o orwelliano?) são os controles de diversos tipos: autocontrole dos participantes gerando um comportamento artificial e irreal; controle absoluto do espectador, por ter a chance de mudar de canal ou desligar a televisão, e o controle mútuo entre participantes e espectadores, quando concordam em eliminar um entre eles, o que gera certo *imbróglio* emocional, com direito a ofensas, lágrimas e sentimento de solidariedade dos outros participantes e telespectadores.

Poderíamos ainda perguntar: há características próprias nessa versão brasileira que seriam a ‘nossa cara’ ou a ‘nossa casa’? existe algum tipo de aprendizado mimético ao vermos pessoas como nós mesmos e não personagens fictícios? há realismo ou fatalidade ao percebermos os ‘barracos’ alheios?

Em meio a muitas outras questões possíveis, uma certeza nos é dada por uma pesquisa do Ibope: a receptividade do programa. *Big Brother* não protege nem controla a população.

As idéias de Orwell não assustam mais ninguém. E, aproveitando a ambigüidade do verbo, tanto em português (assistir) como em inglês (*to watch*), em vez de *Big Brother* assistir à população, esta assiste ao *Big Brother*.

Referências bibliográficas

COELHO, Teixeira. *O que é Utopia*. São Paulo: Coleção Primeiros Passos, Brasiliense, 1980.

HUXLEY, Aldous. *Admirável Mundo Novo*. Rio de Janeiro: Brail, 1969.

MORE, Thomas. *Utopia*. São Paulo: Coleção Os Pensadores, Abril Cultural.

NETO, Ricardo Bonalume. *George Orwell*. São Paulo: Coleção Encanto Radical, Brasiliense, 1984.

ORWELL, George. 1984. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980.

RIO-SARCEY, Michèle; BOUCHET, Thomas; PICON, Antoine. *Dictionnaire des Utopies*. Paris: Larousse, 2002.

ZAMIATIN, Ievgueni Ivanovitch. *Nós*. Tradução de Lia Alverga Wyler. Rio de Janeiro: Editora Anima, 1983.

